Dois desses fatores, caso venham a ocorrer, poderão reduzir a produção mundial e provocar elevação imprevista dos preços:

Convulsão social na Indonésia – A Indonésia parece ser o país mais atingido pela crise econômica do Sudeste asiático. Sua estrutura governamental – oligárquica e corrupta – e sua economia dominada por um pequeno grupo da família e de amigos do presidente Suharto a expõem ao risco crescente de uma revolução popular, dado o estado de miséria em que se encontram camadas cada vez mais amplas da população. Um levante armado generalizado poderá paralisar as exportações de cacau por tempo considerável, além do potencial dano às próprias plantações. A própria notícia provocará uma alta nas bolsas. Atualmente, a Indonésia responde por 10-11% da produção mundial.

Fracasso do programa contra a vassoura-de-bruxa no Brasil – O combate a esta doença envolve a renovação genética de praticamente todos os cacauais na Bahia. Para seu sucesso, o projeto não só exige bom retorno para a atividade, como a existência de um programa amplo e eficaz de financiamento, além de 5-10 anos até sua plena realização. Sob essa ótica, os preços voltarão a declinar em quatro ou cinco anos e o governo, até o presente momento, foi incapaz de implementar um programa adequado de fomento. O fracasso do programa poderá reduzir a produção brasileira a 50-100 mil toneladas/ano. Esta queda corresponde a 3,0-4,5% da safra mundial.

Já outros dois fatores têm potencial de reduzir a demanda e deprimir os preços:

Legalização de sucedâneos – Em outubro de 1997, o parlamento da União Européia aprovou a utilização de até 5% de gorduras não oriundas do cacau para a fabricação de chocolate em todos os países membros, sujeitando-a à colocação de um aviso correspondente, com destaque, na face frontal das embalagens. A indústria chocolateira se opõe a esta exigência por seu efeito publicitário negativo e, caso não consiga derrubar a decisão, não se servirá da facilidade em grande escala. Uma forte elevação dos preços do cacau, no entanto, pode induzir os órgãos reguladores da UE a amenizarem a exigência da rotulação, caso em que o uso dessas gorduras se generalizará. O efeito potencial é uma redução de até 6% do consumo mundial.

Redução do chocolate em artigos recheados – Outro recurso à disposição da indústria; independe de legislação. Segundo dados da Caobisco (1992), cerca de 2/3 da produção de chocolate da UE consistem de artigos recheados. Nos Estados Unidos a proporção é ainda maior. A espessura da camada de chocolate que cobre esses produtos pode ser reduzida em 20-25% sem provocar uma alteração perceptível pelo consumidor. A aplicação generalizada da medida provocaria a queda de 12-13% do consumo mundial.

Visto do ângulo de país produtor de cacau, o quadro indica um rumo claro. Os próximos anos de receita alta precisam ser aproveitados para baixar os custos da produção agrícola, aumentar a produtividade e otimizar a receita da atividade através da implantação de outras culturas rentáveis em áreas impróprias para o cultivo do cacau. Assim, a cacauicultura continuará a ser lucrativa mesmo em níveis de preços mais baixos, podendo, a longo prazo, conduzir a um razoável equilíbrio entre oferta e demanda, como ocorreu nas três décadas iniciais do período abrangido por este estudo.

E-mail: cacauth@svn.com.br

CONJUNTURA DO AGRIBUSINESS

MILHO

IRENE RAGUENET TROCCOLI

Equilíbrio forçado

As autoridades deixam bem claro que utilizarão o poder de fogo de que dispõem sempre que necessário para deter qualquer movimento especulativo dos preços.

No fim do primeiro trimestre do ano, o mercado do milho no Centro-Sul brasileiro apresentava a tipicidade da época, caracterizada pela interrupção da colheita da safra de verão em favor da soja. Os preços do cereal momentaneamente interromperam a tendência sazonal declinante, enquanto os agentes atuantes na comercialização retraíam suas aquisições, sabendo que a parada nos trabalhos era apenas passageira.

Dois fatores vêm atuando no equilíbrio desse mercado. Empurrando as cotações para cima, um relativo atraso na colheita de algumas regiões produtoras na região, devido às chuvas que têm atrapalhado os trabalhos no campo. O que dessa vez não aconteceu no Paraná (maior produtor brasileiro), cuja Secretaria de Agricultura estimava, no fim de fevereiro, que 35% da área cultivada com o milho já estava colhida – percentual considerado típico para a época do ano.

A oferta interna potencial do produto puxa para baixo as cotações, por conta dos estoques do governo e pela perspectiva de importações complementares à produção interna ao longo da atual temporada. As autoridades deixam bem claro que utilizarão o poder de fogo de que dispõem sempre que necessário para deter qualquer movimento especulativo dos preços. Um exemplo foi a intervenção no mercado nordestino, no início de março, com leilão governamental de 57,3 mil toneladas do produto, quando o interesse de compra chegou a quase 60%.

O que se pode esperar a curto prazo é que esse gargalo na oferta se corrija à medida que se aproxima a finalização da colheita da soja e se retoma o ritmo normal na lavoura do milho. A médio prazo, as cotações deverão se manter controladas pela entrada de 27,4 milhões de toneladas do produto novo da safra de verão, prevista pela Conab em fevereiro último. Já para o segundo semestre, será fundamental o desempenho da safrinha como coadjuvante no desempenho da oferta, tendo em vista que a importância desta produção complementar tem crescido rapidamente nos últimos anos. Na atual temporada, por exemplo, a Conab estima que a participação desta segunda colheita chegue a 16% do total produzido em 1997/98, ou seis pontos percentuais acima do verificado no ano-safra anterior.

E-mail: iragtroc@fgv.br